

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil

Class.: 416

Data: 21/06/87

Pg.: _____

Tribo dos fulni-ó aprende a escrever na própria língua

RECIFE — Os índios fulni-ó, do município pernambucano de Águas Belas (a 311 quilômetros do Recife), única comunidade indígena do Nordeste que ainda fala a própria língua — o iaáte —, estão aprendendo a escrever o idioma nativo, numa tentativa de preservar a sua linguagem e a sua cultura. Ninguém, no entanto, fora da aldeia, tem acesso à cartilha elaborada, ao longo de 15 anos, pela professora Marilena Araújo de Sá, uma fulni-ó, porque esses índios consideram sua língua uma coisa sagrada. É uma questão de honra: além deles, ninguém mais fala o iaáte.

Marilena Araújo, que tem o curso normal, decidiu pesquisar o iaáte preocupada com a influência dos brancos sobre os meninos fulni-ó, nas escolas de sua aldeia, e com o auxílio da Funai decidiu se transformar numa professora bilíngüe. Apesar de vir recebendo uma assessoramento lingüístico da professora Adair Pimentel Palácio, da UFPE, Marilena se mantém muito reservada para falar sobre a própria língua:

— Nem a quina da loto me faz ensinar iaáte a um branco. Tudo de que se abre mão para os outros termina se perdendo.

O máximo que a índia professora se permitiu revelar, durante uma longa entrevista, foi que o iaáte tem mais de 90 sons, as cinco vogais têm três tempos cada uma, todos os verbos são conjugados em todos os tempos e há palavras que, quando pronunciadas por homens têm um sentido diferente do que quando ditas por uma mulher. A muito

custo escreveu: "Owa setsh-ne-he til-xi", que quer dizer "Esta é uma cidade bonita".

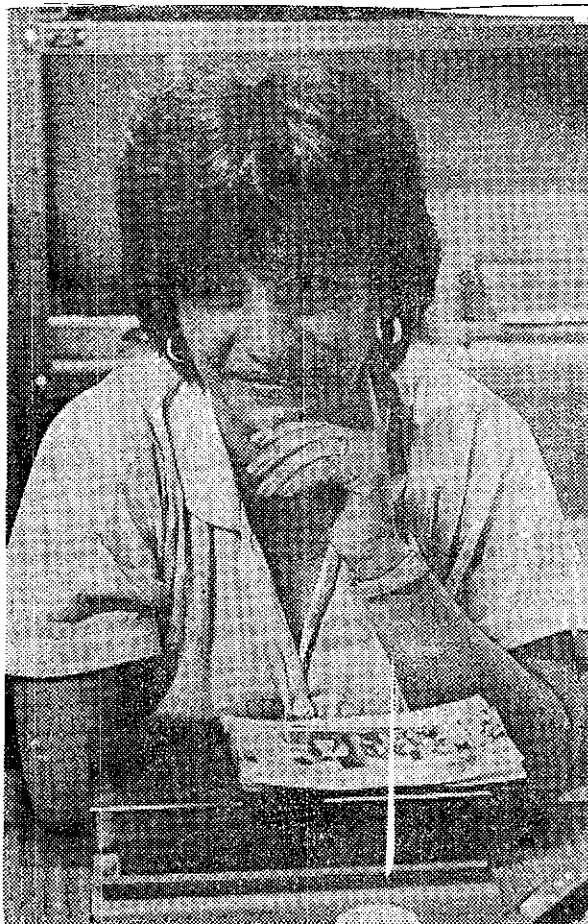
A professora Adair Palácio, que há 12 anos estuda línguas indígenas, observa que não há registro na história de nenhuma tribo com esse fetiche em relação à língua.

— É uma atitude de posse, os fulni-ós não querem que outras pessoas aprendam o iaáte. É quase uma coisa religiosa. A língua é deles e ponto final. Em seu trabalho com Marilena Araújo, a professora Adair faz questão de não demonstrar a menor curiosidade em relação ao iaáte.

A professora Adair está ensinando a Marilena alguns conceitos lingüísticos para que ela tenha melhor base e maior segurança para transmitir seus conhecimentos aos demais fulni-ós, que chegam a aproximadamente 4 mil.

— Na aldeia, todos falam português e fulni-ó, escrevem português, mas são analfabetos no que se refere à sua própria língua. Como foi feita uma adaptação do alfabeto português para o iaáte, naturalmente Marilena sente alguma dificuldade para passar à seus alunos pequenos detalhes, como por exemplo explicar por que a letra T em iaáte tem cinco pronúncias diferentes — observa a professora Adair.

Marilena tem 31 anos, é casada com um fulni-ó (evitou se casar com um branco) e tem 360 alunos sob a sua responsabilidade. Como o trabalho de ensinar em duas línguas está ficando muito pesado, ela mesma está treinando 20 monitores.



Marilena Sá, a índia que é professora